DOI: https://doi.org/10.18309/ranpoll.v57.2047
v. 57, e2047, 2026

revista da anpoll
ISSN 1982-7830

ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Análise complementar da avaliação social de [t, d] e [tʃ, dʒ] contíguos a ditongo na comunidade de fala potiguar (RN)

Complementary analysis of the social valor of [t, d] and [tʃ, dʒ] contiguous to diphthongs in the potiguar speech community (RN)

Gabriel Sales[1]
Eliete Figueira Batista da Silveira[1]

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

gabriel-sales@outlook.com
elietesilveira@letras.ufrj.br

RESUMO: Este trabalho complementa a análise de Sales e Batista da Silveira (2022) sobre a avaliação social das realizações alveolar e palatal de /t, d/ na fala do estado brasileiro do Rio Grande do Norte. Nessa comunidade, as formas africadas parecem ser manifestadas mais produtivamente em ambiente átono contíguo a ditongo (*remédio*, *muito*). A literatura, no entanto, indica que a realização das oclusivas no contexto delimitado é ainda variável (Cristófaro-Silva *et al.*, 2012; Ananias; Cunha, 2022). Diante disso, objetivamos, sob os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), delimitar os valores sociais indexados às variantes em discussão. Com esse fim, inspecionamos respostas de 76 indivíduos a um questionário de atitudes linguísticas, elaborado com a abordagem *matched-guise* (Lambert *et al.*, 1960), em que estímulos com as realizações [t, d] e [tʃ, dʒ] foram avaliados em uma escala de *similaridade de fala* e em atividades de atribuição de *escolaridade*, *faixa etária*, *atividade profissional* e *naturalidade*. Os resultados das análises de regressão mostram variabilidade avaliativa de acordo com a direção assimilatória. Em contexto regressivo (*remédio*), as formas alveolares e palatais são equilibradamente avaliadas. Já em contexto progressivo (*muito*), as realizações [tʃ, dʒ] são rejeitadas como uma característica da fala local e associadas a características mais negativas.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação social; Sociolinguística; palatalização.

ABSTRACT: This work complements the analysis of Sales and Batista da Silveira (2022) on the social evaluation of /t, d/ realizations in the speech of the Brazilian state of Rio Grande do Norte (RN). In this community, affricated forms seem to be manifested more productively in an unstressed environment adjacent to a diphthong (*remédio*, *muito*). The literature, however, indicates that the realization of stops in the delimited context is variable (Cristófaro-Silva *et al.*, 2012; Ananias; Cunha, 2022). Given this context, we aim, under the theoretical-methodological assumptions of Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), to delimit the social values

COMO CITAR

SALES, Gabriel; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista. Análise complementar da avaliação social de [t, d] e [tʃ, dʒ] contíguos a ditongo na comunidade de fala potiguar (RN). *Revista da Anpoll*, v. 57, e2047, 2026. doi: https://doi.org/10.18309/ranpoll.v57.2047

Este trabalho está licenciado sob a *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional.

EDITORAS-CHEFE: Andréia Guerini | Mailce Mota

RECEBIDO: 16/05/2025; ACEITO: 10/06/2026

indexed to the variants under discussion. To this end, we inspected responses from 76 individuals from RN to a linguistic attitudes questionnaire, prepared using the matched-guise approach (Lambert *et al.*, 1960), in which stimuli with the realizations [t, d] and [tʃ, dʒ] were evaluated on scales of *speech similarity*, *education level*, *age group*, *professional activity* and *place of birth*. The results of the regression analyzes show evaluative variability according to the assimilatory direction. In a regressive context (*remédio*), the alveolar and palatal forms are balanced. In a progressive context (*muito*), [tʃ, dʒ] are rejected as a characteristic of local speech and associated with negative characteristics.

KEYWORDS: social evaluation; Sociolinguistics; palatalization.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui uma ampliação da pesquisa de Sales e Batista da Silveira (2022), em que é investigada a indexação social das realizações [t, d] e [tʃ, dʒ] dos fonemas oclusivos alveolares, no estado brasileiro do Rio Grande do Norte (RN). A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), pretendemos complementar a análise deste mesmo fenômeno, por meio da investigação de respostas a uma escala de *similaridade de fala* e a tarefas de atribuição de *faixa etária*, *escolaridade*, *naturalidade* e *atividade profissional*.

A justificativa para o estudo da avaliação sociolinguística das formas fonéticas de /t, d/ no RN advém da especificidade do fenômeno na fala potiguar, em comparação a outras comunidades brasileiras, como a do Rio de Janeiro (RJ). A literatura tem evidenciado que, no RN, não há restrição de direcionalidade para o processo assimilatório que resulta em palatalização. No entanto, a assimilação parece ocorrer mais produtivamente em ambiente átono contíguo a ditongo (Cristófaro-Silva *et al.*, 2012; Ananias; Cunha, 2022), caracterizando um contexto estrutural bastante específico. Assim, no RN, estão em variação produções como [ɦẽ.ˈmɛ.dʒjʊ]~[ɦẽ.ˈmɛ.djʊ] '*remédio*' e [ˈdoj.dʒʊ]~[ˈdoj.dʊ] '*doido*', cujas formas palatalizadas decorrem, respectivamente, de espraiamentos regressivo e progressivo. Já na produção de uma palavra como '*aditivo*', a produção alveolar [a.di.ˈti.vʊ] parece ser categórica, uma vez que a descrição estrutural da regra, nesse caso, não é atendida.

A palatalização variável no RN contrasta, portanto, com a regra categórica em atuação no RJ, que é representativa dos condicionamentos mais frequentes no PB, no que diz respeito ao processo fonético-fonológico em discussão. Nessa comunidade, há restrição quanto à direção de assimilação, que é unicamente regressiva. Em contrapartida, não há exigência estrutural nem sobre a tonicidade nem sobre composição silábica, à exceção do compartilhamento de sílaba entre a oclusiva alvo do processo e uma vogal anterior alta (Abaurre; Pagotto, 2013; Callou, 2015). Por isso, no RJ, são encontradas produções como [ɦẽ.ˈmɛ.dʒjʊ] e [a.dʒi.ˈtʃi.vʊ], mas não [ˈdoj.dʒʊ], uma vez que, nesse caso, a assimilação é progressiva.

Motivados por essa especificidade fonético-fonológica da comunidade potiguar e interpretando que atitudes linguísticas, isto é, orientações avaliativas frente à língua (Garrett, 2010), podem contribuir para o avanço ou para o recuo de uma mudança em andamento em favor de determinada variante, Sales e Batista da Silveira (2022) analisam respostas de informantes potiguares a escalas de oito atributos e concluem que as formas [t, d] e [tʃ, dʒ] são avaliadas de maneira homogênea, quando a direção assimilatória é regressiva, como na palavra *remédio*.

Todavia, quando a assimilação é progressiva, como na palavra *doido*, as realizações [tʃ, dʒ] são associadas a atitudes mais negativas, caracterizando indivíduos menos competentes, menos íntegros, menos atraentes socialmente e mais interioranos, em comparação às produções [t, d].

Os autores identificam, ainda, que as realizações [t, d] no contexto de *remédio* tendem a perder probabilidade de avaliação positiva entre falantes mais velhos, ao passo em que as realizações [tʃ, dʒ] tendem a ser consideradas mais representativas da fala local por aqueles que residem há mais tempo na Região Metropolitana do RN ou em outro estado. Esse fato é interpretado como um indicativo de que o valor das realizações palatais em contexto de assimilação regressiva é desenvolvido/alterado paulatinamente, na interação entre grupos sociais. Parece haver, portanto, uma mudança de perspectiva avaliativa, conforme avança a idade dos indivíduos.

Diante dessas considerações, propomos a análise de dados complementares, parte da amostra coletada por Sales e Batista da Silveira (2022), mas não investigados pelos autores na ocasião do primeiro estudo. Nosso objetivo é delimitar os valores sociais associados às variantes em análise. Os resultados obtidos são cotejados com as conclusões de Sales e Batista da Silveira (2022), ampliando, assim, a descrição dos valores sociais das realizações de /t, d/ no RN. As particularidades metodológicas deste trabalho são detalhadas a seguir.

2 METODOLOGIA

Grande parte dos procedimentos metodológicos adotados na constituição deste trabalho são compartilhados com os de Sales e Batista da Silveira (2022), uma vez que os dados de que partimos foram coletados na mesma ocasião, por meio de um questionário de elicitação de atitudes fundamentado na técnica de falsos pares (Lambert *et al.*, 1960). O instrumento foi veiculado na plataforma *Google Forms* e sua composição envolveu oito *escalas de atributos*, além de uma escala de *similaridade de fala* e tarefas de atribuição de *faixa etária*, *escolaridade*, *naturalidade* e *atividade profissional*. As escalas de atributos foram objetos de análise de Sales e Batista da Silveira (2022). Já neste trabalho, investigamos as respostas às demais atividades que compuseram o instrumento. Lidamos, portanto, com 5 variáveis dependentes, cujos níveis são especificados no Quadro 1.

Quadro 1 – Variáveis dependentes do estudo

Escala de similaridade	Atribuição de faixa etária	Atribuição de escolaridade	Atribuição de naturalidade	Atribuição de atividade profissional
Pouco | Neutro | Bastante	Adolescente | 20-29 | 30-39 | 40-49 | 50+	Fundamental | Médio | Superior	Metropolitana I | Metropolitana II | Interior | Outra UF	Auxiliar de limpeza | Recepcionista | Enfermeiro | Médico

Fonte: elaborado pelos autores.

A *escala de similaridade de fala* foi apresentada aos informantes no formato de escala de seis pontos, variando de *pouco* a *bastante* semelhante. No processo de análise, contudo, simplificamos seus níveis em três, preservando a simetria de seus limites. Com essa adaptação, respostas nos níveis 1 e 2 foram recodificadas como *pouco*; 3 e 4, como *neutro* e 5 e 6, como *bastante* semelhante. Recodificações também foram feitas nas rotulações dos níveis de

naturalidade. Abaixo, apresentamos a rotulação originalmente apresentada aos respondentes, seguidas das respectivas recodificações.

1. Natal, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante > Metropolitana I
2. Extremoz, Macaíba, São José de Mipibu[1] > Metropolitana II
3. Angicos, Caicó, Pau dos Ferros > Interior
4. Outra UF

A definição dos agrupamentos de cidades considerou aspectos como nível de conurbação com a capital e considerações subjetivas detectadas no contato com a comunidade. As cidades das categorias Metropolitana I e II são todas, oficialmente, parte da Região Metropolitana de Natal. Apesar disso, alguns falantes parecem interpretar os municípios da categoria Metropolitana II como interioranos. Com a conformação apresentada, esperamos detectar se esse tipo de associação constitui uma marca sociolinguística da comunidade. Além disso, para maior esclarecimento dessa suposta tensão geográfica, incorporamos, na sequência da tarefa de *atribuição de naturalidade*, uma pergunta discursiva de caráter optativo: *por que você acha que essa pessoa é do local indicado?* Na Figura 1, é ilustrada a distribuição geográfica dos agrupamentos de cidades estabelecidos.

Figura 1 – Distribuição geográfica dos agrupamentos de cidades.
Fonte: Bezerra (2023, p. 90).

[1] Adiante, quando necessário retomar os municípios de São Gonçalo do Amarante e São José de Mipibu, o fazemos, respectivamente, como São Gonçalo e São José.

Os estímulos sonoros incorporados ao experimento foram gravados por dois ledores voluntários, um homem e uma mulher de 20 a 30 anos naturais do RN. Ao todo, o experimento contou com quatro pares de áudios que se diferenciavam em relação à produção palatal ou alveolar das oclusivas. Desses, dois estímulos envolveram a direção progressiva de assimilação e dois, a direção regressiva. Sua elaboração partiu das descrições da produção de /t, d/ no RN divulgadas por Cristófaro-Silva *et al.* (2012) e Ananias e Cunha (2022).

Coletamos os dados entre 30 de março e 10 de abril de 2022, com o envolvimento total de 92 avaliadores. No entanto, apenas 76 respostas foram, de fato, analisadas, a fim de manter o equilíbrio da amostra quanto à escolaridade dos participantes. Como consequência disso, reportamos, neste trabalho, apenas a análise de respostas de indivíduos com ensino superior.

Dois métodos estatísticos foram adotados para análise das respostas, a depender da existência de ordenação intrínseca entre os níveis da variável dependente. As respostas à escala de *similaridade de fala* e às tarefas de atribuição de *faixa etária*, *escolaridade* e *atividade profissional* foram analisadas por regressão logística ordinal. Já as respostas à tarefa de atribuição de *naturalidade* foram analisadas por regressão logística multinomial. Todos os modelos foram computados na plataforma R (R Core Team, 2022), respectivamente, com as funções *Clmm*, do pacote *Ordinal* (Christensen, 2019), e *Mblogit,* do pacote *Mclogit* (Elff, 2022). A comparação entre modelos foi feita por Testes de Estimativas por Máxima Verossimilhança, com a função *anova*.

A análise das respostas teve como parâmetro as variáveis independentes *realização das oclusivas* e *direção de assimilação*, além das informações sociais dos respondentes: *sexo, área de formação, naturalidade, idade, tempo de residência e área/local de residência*.

3 ATRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA

Das cinco variáveis dependentes da pesquisa, apenas as respostas à tarefa de atribuição de *faixa etária* não mostraram variação em função do fenômeno linguístico estudado. Tal fato é explicitado pela ausência da variável estrutural *realização de /t, d/* no modelo de regressão considerado ótimo para a explicação das respostas a essa tarefa avaliativa pelos Testes de Estimativa por Máxima Verossimilhança, que resultaram em modelo univariado, contendo apenas a variável *idade do respondente* ($\beta = 0.02$, $IC = 0.01 \sim 0.04$, $p \leq 0.05$). Em outras palavras, a produção palatalizada ou não de /t, d/ não parece ser associada a indivíduos mais jovens ou mais velhos. Essa interpretação é reforçada pelo resultado $p \geq 0.05$ do teste de qui-quadrado exibido na Tabela 1.

Tabela 1 – Teste de qui-quadrado

Variável	Realização de /t, d/ (χ^2)	Valores de p	Graus de liberdade
Faixa etária	1.14	0.88	4

Fonte: os autores

4 ATRIBUIÇÃO DE ESCOLARIDADE

A tarefa de atribuição de escolaridade envolveu a correlação de cada estímulo a um de três níveis de ensino: *fundamental*, *médio* e *superior*. Os resultados do modelo de regressão para análise dessa variável estão dispostos na Tabela 2.

Tabela 2 – Modelo para *escolaridade*

Preditores	Coeficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
Realização de /t, d/			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.11	-0.60 ~ 0.37	0.64
Contexto de assimilação			
Regressivo (ref.)			
Progressivo	0.46	-0.02 ~ 0.96	0.06
Área de formação			
Letras (ref.)			
Biológicas	-1.86	-3.87 ~ 0.14	0.06
Saúde	-1.22	-2.35 ~ -0.08	≤0.05
Engenharias	-1.02	-2.35 ~ 0.29	0.12
Humanas	-0.69	-1.82 ~ 0.44	0.23
Exatas e da terra	-1.61	-2.71 ~ -0.51	≤0.05
Sociais aplicadas	-1.82	-2.80 ~ -0.84	≤0.05
Não informada	1.29	-0.90 ~ 3.49	0.24
Idade	-0.04	-0.07 ~ -0.01	≤0.05
*Realização de /t, d/ * Contexto de assimilação*			
Alveolar * Regressivo (ref.)			
Palatal * Progressivo	-2.30	-3.04 ~ -1.56	≤0.05

Fonte: os autores.

O modelo estatístico sugere que indivíduos das áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Exatas e da Terra e da Saúde (β = -1.82, -1.61, -1.22, respectivamente) se diferenciam daqueles da área de Letras por tenderem a atribuir níveis mais baixos de escolaridade à realização alveolar em contexto regressivo – [ɦẽ.ˈmɛ.djʊ]. No entanto, o efeito da *área de formação* não parece afetar, de fato, o valor social das diferentes realizações de /t, d/. Conforme a Figura 2, os respondentes da área de Letras se diferenciam dos demais, por apresentarem maior

probabilidade de concentração de suas respostas no mais alto nível de ensino, o s*uperior*, enquanto os demais tendem à neutralidade, com maior probabilidade de atribuição de *ensino médio*. Essas probabilidades, contudo, afetam tanto a realização alveolar quanto a palatal, o que resulta em homogeneidade avaliativa entre as diversas áreas de formação.

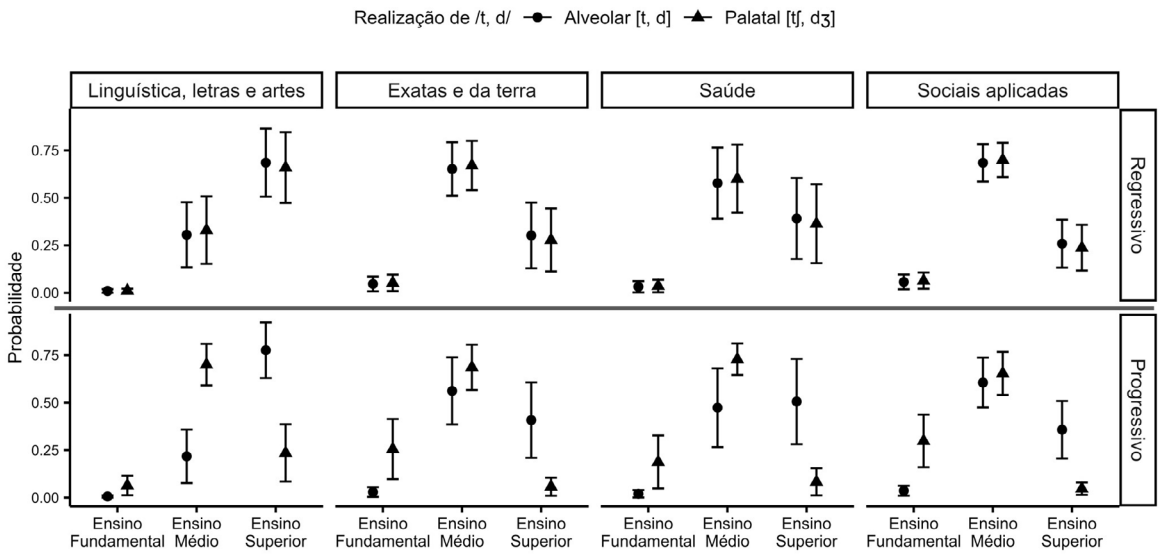

Figura 2 – *Área de formação* sobre *escolaridade atribuída.*
Fonte: os autores.

A mencionada homogeneidade é explicitada na Figura 2 pelas probabilidades comuns às formas [t, d] e [tʃ, dʒ] em contexto de assimilação regressiva, independentemente do curso em consideração. As tendências avaliativas também são semelhantes em contexto progressivo, em que é identificada tendência a uma avaliação mais negativa da realização palatal – ['doj.dʒʊ] –, forma mais esperada na fala de indivíduos com *ensino fundamental* e *médio*. Por outro lado, a realização *alveolar* – ['doj.dʊ] – é mais representativa de falantes com *ensino superior*.

Assim, independentemente da área de ensino superior em discussão, a avaliação das realizações de /t, d/ parece ser a mesma. As atitudes comuns são potencialmente guiadas pelo efeito da interação entre variáveis estruturais, *realização de /t, d/* e *contexto de assimilação*, o qual prevê que, à produção palatal em contexto progressivo – ['doj.dʒʊ] –, são atribuídos níveis de escolaridade mais baixos (β = -2.30), em comparação à alveolar em contexto regressivo – [ɦẽ.'mɛ.djʊ]. A Figura 3 representa esses resultados.

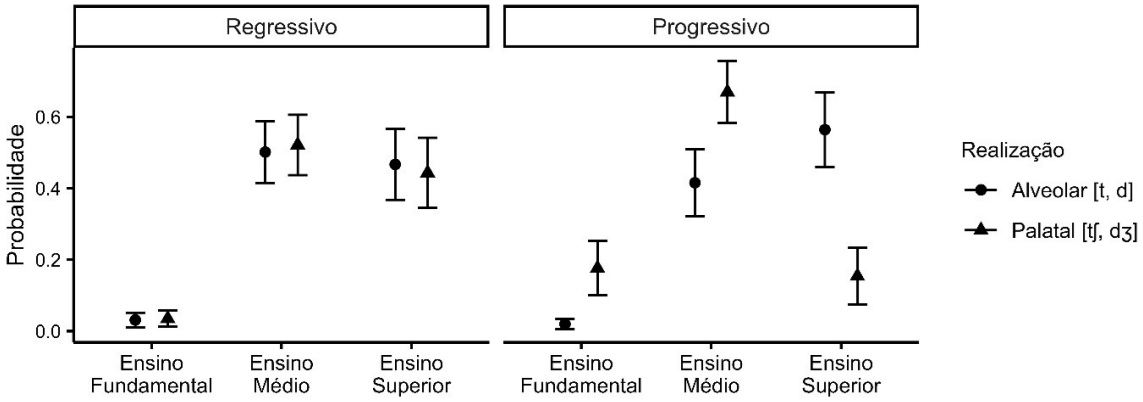

Figura 3 – *Realização de /t, d/* e *contexto de assimilação* sobre *escolaridade* atribuída.
Fonte: os autores.

Essa figura evidencia que, em contexto de assimilação regressiva, como o da palavra *remédio*, as realizações alveolar e palatal não parecem indexar níveis específicos de escolaridade, uma vez que as probabilidades associadas a ambas as formas em cada nível (fundamental, médio e superior) são bastante semelhantes. Em contrapartida, quando a direção de assimilação é progressiva, como é o caso da palavra *doido*, as realizações [tʃ, dʒ] são mais associadas aos níveis mais baixos de escolaridade, *fundamental* e *médio*. Por sua vez, as formas alveolares são as mais representativas de indivíduos com nível *superior*, evidenciando, assim, a associação da palatalização progressiva à fala de indivíduos menos escolarizados.

Essa tendência a uma avaliação mais negativa da realização palatal em contexto progressivo é ainda mais forte entre os falantes mais velhos, como demonstra a Figura 4.

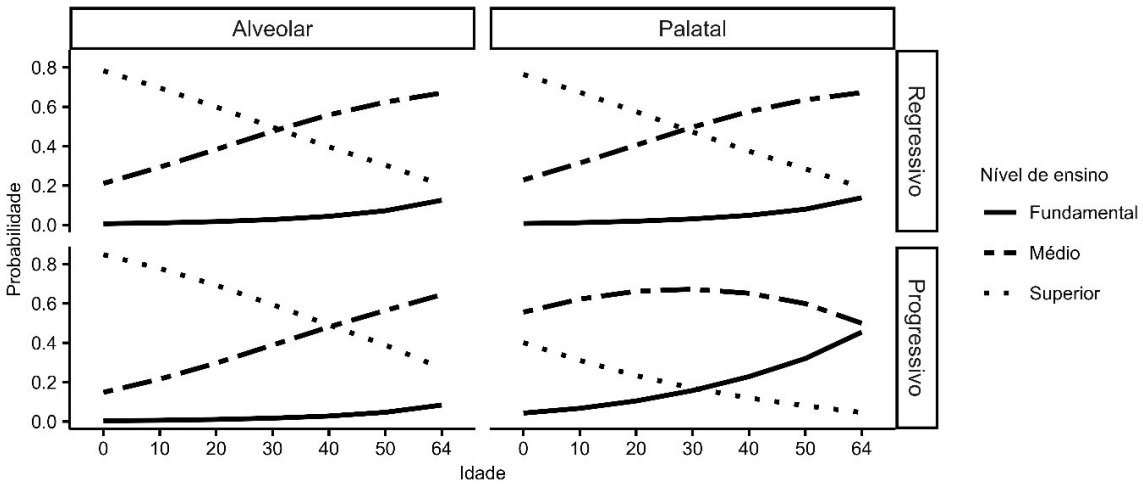

Figura 4 – *Idade do informante* sobre *escolaridade* atribuída.
Fonte: os autores.

A Figura 4 mostra que, a cada unidade de aumento na *idade* dos respondentes, maior é a chance de serem atribuídos níveis de escolaridade mais baixos à forma alveolar em contexto regressivo – [ɦẽ.'mɛ.djʊ] – (β = -0.04). Contudo, a comparação entre as realizações [t, d] e [tʃ, dʒ] em contexto de assimilação regressiva evidencia que não há distinção avaliativa, de acordo

com a idade, entre essas duas possibilidades articulatórias, uma vez que suas linhas têm comportamento quase idêntico. A distinção surge efetivamente quando observado o contexto de assimilação progressiva, em que a forma palatal apresenta tendência ascendente de avaliação nos níveis mais baixos. Ou seja, quanto mais velhos são os indivíduos, maior parece ser o valor negativo da produção palatal no contexto fonético-fonológico delimitado – ['doj.dʒʊ].

Em outras palavras, os resultados demonstram que a rejeição da palatalização progressiva é particularmente característica dos grupos etários mais avançados, ao passo que os respondentes mais jovens tendem a atribuir avaliações menos negativas à variante palatal no mesmo contexto. Tal padrão sugere que o valor social dessa variante não é uniformemente compartilhado pela comunidade, mas se desenvolve ao longo da trajetória etária e social dos falantes. Desse modo, a intensificação do estigma com o avanço da idade pode estar relacionada à contínua participação dos indivíduos em diferentes práticas e espaços sociais nos quais determinadas realizações linguísticas, como a palatalização progressiva, passam a ser reconhecidas como mais ou menos prestigiosas.

Além disso, a ausência de um padrão semelhante para as realizações palatais em contexto regressivo reforça a interpretação de que a avaliação social observada não decorre da palatalização enquanto processo fonético-fonológico. Embora as variantes [t, d] e [tʃ, dʒ], em ambos os casos, resultem igualmente de um mecanismo assimilatório, apenas as realizações decorrentes da assimilação progressiva parecem mobilizar aumento de avaliações sociais negativas conforme o avanço etário, evidenciando que variantes produzidas por um mesmo processo podem adquirir significados sociais distintos.

5 ATRIBUIÇÃO DE ATIVIDADE PROFISSIONAL

A tarefa de atribuição de atividade profissional compreendeu a correlação de estímulos a um dos seguintes ofícios: *auxiliar de limpeza*, *recepcionista*, *enfermeiro* e *médico*. A Tabela 3 exibe os resultados estatísticos correspondentes a essa variável.

Tabela 3 – Modelo para *atividade profissional*

Preditores	**Coeficientes β (logit)**	**Intervalos de confiança (95%)**	**Valores de p**
Realização de /t, d/			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.24	-0.66 ~ 0.17	0.25
Contexto de assimilação			
Regressivo (ref.)			
Progressivo	0.47	0.05 ~ 0.90	≤0.05
Idade	-0.02	-0.05 ~ -0.004	≤0.05
*Realização de /t, d/ * Contexto de assimilação*			
Alveolar * Regressivo (ref.)			
Palatal * Progressivo	-1.81	-2.43 ~ -1.19	≤0.05

Fonte: os autores.

No que concerne à variável *contexto de assimilação*, isoladamente, o modelo prevê que estímulos com realizações [t, d] em contexto fonético-fonológico favorável à assimilação progressiva – ['doj.dʊ] – tendem a ser avaliados em atividades profissionais mais prestigiadas (β = 0.47), em comparação aos estímulos com realizações [tʃ, dʒ], demarcando o maior prestígio da forma alveolar nesse contexto.

Tal resultado está em harmonia com o da interação entre *contexto de assimilação* e *realização de /t, d/*, que exibe tendência de associação da produção palatal em contexto progressivo – ['doj.dʒʊ] – às atividades menos prestigiadas (β = -1.81), em relação à produção alveolar em contexto regressivo – [ɦẽ.'mɛ.djʊ]. Na Figura 5, os resultados citados são traduzidos em probabilidades.

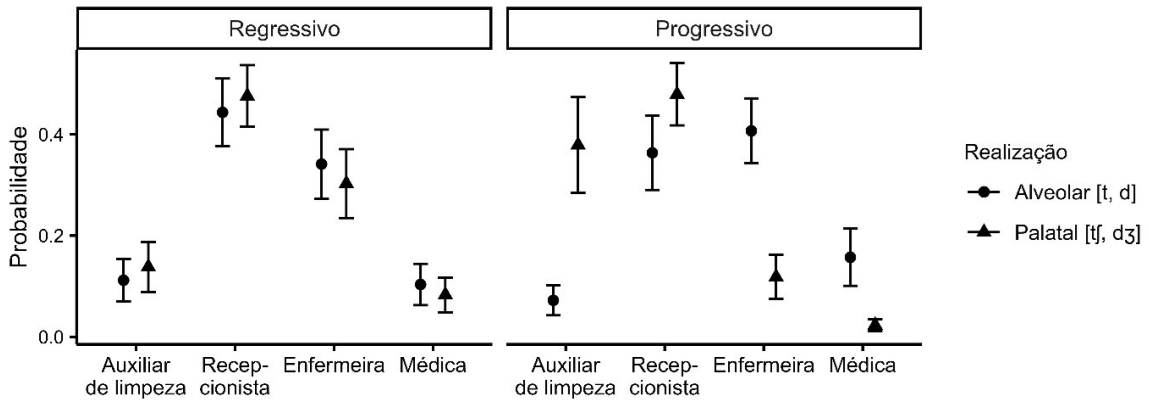

Figura 5 – *Realização de /t, d/* e *contexto de assimilação* sobre *atividade profissional atribuída.*
Fonte: os autores.

Conforme a Figura 5, em contexto de assimilação regressiva – [ɦẽ.'mɛ.dʒjʊ] –, as realizações alveolar e palatal de /t, d/ não apresentam diferença avaliativa considerável. Por outro lado, em contexto progressivo, a forma alveolar – ['doj.dʊ] – é a mais representativa da fala de indivíduos que desempenham as profissões socioeconomicamente mais valorizadas, *enfermeiro* e *médico*. A palatal – ['doj.dʒʊ] –, por sua vez, é predominantemente associada às profissões mais desprestigiadas, *auxiliar de limpeza* e *recepcionista*.

Por fim, com relação ao efeito da variável *idade do respondente*, o modelo de regressão na Tabela 3 prevê que, a cada ano de aumento na *idade* dos indivíduos, a probabilidade de a alveolar em contexto regressivo – [ɦẽ.'mɛ.djʊ] – ser associada a profissões menos valorizadas é aumentada (β = -0.02). Esse resultado é apresentado na Figura 6, em que visualizamos que, em contexto regressivo – *remédio* –, não há distinção avaliativa entre as realizações alveolar e palatal em função da *idade dos participantes*, a exemplo do que ocorreu na análise da variável dependente *escolaridade*. Diferenças apenas aparecem na análise da forma palatal derivada de assimilação progressiva – ['doj.dʒʊ] –, que, entre os respondentes mais velhos, é majoritariamente atribuída à profissão *auxiliar de limpeza*, diferentemente do que ocorre com as demais possibilidades fonéticas cujas avaliações são ilustradas na Figura 6.

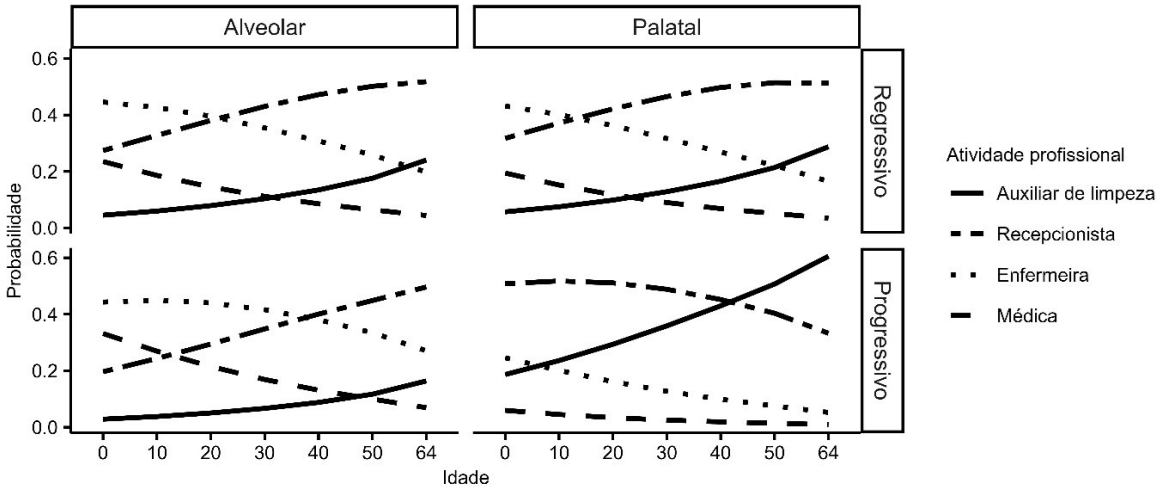

Figura 6 – *Idade* sobre *atividade profissional atribuída.*
Fonte: os autores.

6 ATRIBUIÇÃO DE NATURALIDADE

A tarefa de atribuição de naturalidade envolveu a associação de cada estímulo ouvido pelos respondentes da pesquisa a uma de quatro áreas geográficas, as quais são retomadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Agrupamentos geográficos

Área	Cidades	Descrição
Interiorana	Caicó | Angicos | Pau dos Ferros	Área mais interiorana.
Metropolitana II	Macaíba | Extremoz | São José	Área com nível intermediário de metropolitanidade.
Metropolitana I	Natal | Parnamirim | São Gonçalo	Área mais metropolitana.
Outra UF	–	Qualquer outro estado brasileiro.

Fonte: os autores.

Três das áreas geográficas no Quadro 2 codificam conjuntos de cidades do RN, distribuídas em um contínuo interior–metrópole. A quarta área se refere a qualquer outra localidade fora do RN. Assim, as produções de /t, d/ poderiam ser associadas à fala de áreas específicas do RN ou mesmo não ser reconhecidas como características do estado.

Uma vez que a variável *naturalidade* se diferencia das demais por não haver ordenação intrínseca entre seus níveis, a ferramenta de análise empregada também foi diferente. Utilizamos, nesse caso, modelos de regressão logística multinomial. Na Tabela 4, apresentamos os resultados do modelo para a variável discutida nesta seção.

Tabela 4 – Modelo para *naturalidade*

Preditores (**p ≤** 0.05 = '*')	**Naturalidade atribuída** (ref. = Metropolitana I)		
	Interior (**β =** 0.007)	**Metropolitana II** (**β =** -0.46)	**Outra UF** (**β =** -1.82)
Realização de /t, d/			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.12	-0.05	0.85* | 0.97
Contexto de assimilação			
Regressivo (ref.)			
Progressivo	-1.00* | -1.00	-0.66* | -1.12	-0.77
*Realização de /t, d/ * Contexto de assimilação*			
Alveolar * Regressivo (ref.)			
Palatal * Progressivo	2.36* | 2.36	1.97* | 1.51	2.17* | 0.35

Fonte: os autores.

A primeira coluna da Tabela 4 contém as variáveis previsoras que integram o modelo. As demais colunas, por sua vez, representam os *intercepts*, isto é, as probabilidades de o respondente atribuir um estímulo aos diversos níveis da variável dependente *naturalidade*, quando todas as variáveis previsoras estão em seus respectivos níveis de referência. O nível de referência assumido para *naturalidade* é a área *Metropolitana I*, que é representada pelas cidades de Natal, Parnamirim e São Gonçalo. As colunas de *intercepts* da Tabela 4, portanto, correspondem às comparações entre os demais níveis da variável dependente e a categoria de referência. Assim, os coeficientes da coluna *Outra UF*, por exemplo, representam a probabilidade de o respondente associar estímulos a essa categoria em detrimento da *Metropolitana I*. A visualização dos efeitos das variáveis independentes, no entanto, é obtida da soma do *intercept* ao coeficiente de cada previsor. Na tabela, o resultado da soma dos coeficientes dos previsores significativos é diretamente apresentado à direita da barra vertical, conforme o esquema *coeficiente* | soma*[2].

Iniciemos a discussão dos resultados da Tabela 4 pelos coeficientes das variáveis previsoras sobre a categoria *Interior*. A Tabela 4 sugere que produções como ['doj.dʒʊ] têm maior probabilidade de serem atribuídas às cidades de Caicó, Angicos e Pau dos Ferros do que àquelas que compõem a área *Metropolitana I*. Essa interpretação advém do coeficiente negativo dos *Loggods* correspondentes à variável *contexto de assimilação* (β = -1.00), indicando que, em contexto progressivo, formas alveolares têm menor chance de serem associadas à fala de cidades genuinamente do interior do estado. Além disso, quando essa variável interage com a *realização de /t, d/*, vemos que há uma maior chance de as produções progressivamente palatalizadas serem categorizadas como interioranas (β = 2.36).

[2] Na discussão dos resultados para a variável *naturalidade*, fazemos sempre referência direta ao resultado da soma dos coeficientes a seus *intercepts*.

O resultado descrito para a área *Metropolitana II* se assemelha ao que é identificado com relação à categoria *Interior*. O modelo de regressão prevê que estímulos de produção alveolar em contexto fonético-fonológico favorável à assimilação progressiva – ['doj.dʊ] – têm uma menor probabilidade de serem atribuídos a essa categoria, em comparação à *Metropolitana I* (β = -1.12). Ou seja, produções como ['doj.dʒʊ] são mais esperadas pelos participantes na fala de indivíduos das cidades de Macaíba, Extremoz e São José, que compõem o subagrupamento *Metropolitana II*, do que na fala de Natal, Parnamirim e São Gonçalo, como reforça a interação entre as variáveis *realização de /t, d/* e *contexto de assimilação* (β = 1.51).

Esses resultados podem ser refletidos em um contínuo de associação geográfica fundamentado na oposição *interior* x *capital* (Figura 7). O tamanho do efeito das interações entre variáveis estruturais delimita a organização do contínuo da seguinte maneira:

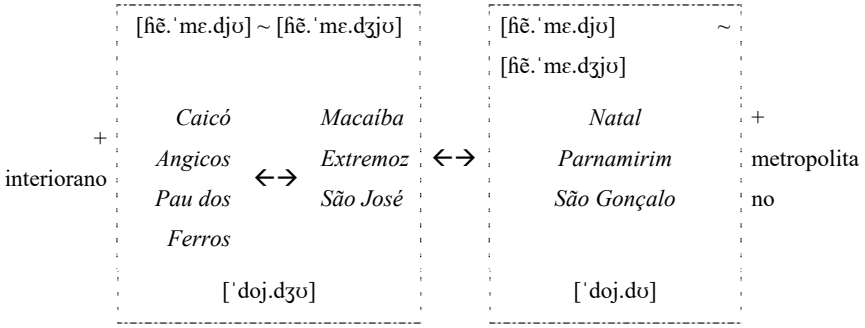

Figura 7 – Contínuo interior-metrópole/RN.
Fonte: os autores.

A Figura 7 ilustra que, em contexto progressivo – ['doj.dʒʊ] –, a palatalização é rejeitada como característica da área mais metropolitana e atribuída às áreas mais interioranas, cujo ordenamento advém das somas dos coeficientes aos *intercepts*. A palatalização regressiva – [ɲẽ.ˈmɛ.dʒjʊ] –, porém, não parece ser associada a uma delimitação geográfica específica.

Além da questão fechada cujas respostas alimentaram o modelo de regressão apresentado, uma questão de caráter discursivo, cujo objetivo era o de obter maiores explicações para as associações geográficas feitas pelos informantes, também integrou nosso questionário de coleta. Os poucos registros escritos deixados pelos participantes da pesquisa corroboram o contínuo apresentado. Vejamos as respostas à pergunta "*por que você acha que essa pessoa é do local indicado?*", reproduzidas abaixo.

(1) "*Cui*[dʒ]*o mui*[tʃ]*o*[3] *parece entregar que a pessoa tem baixa escolaridade.*"
(2) "*A forma que pronunciou o D em 'cuido'.*"
(3) "*Modo de falar do interior.*"
(4) "*Sotaque de Arez.*"[4]

[3] Transcrição fonética acrescentada pelo autor, com a finalidade de contribuir para a clareza do texto. O comentário do participante teve como referente um estímulo de produção palatal de oclusivas.

[4] Município potiguar a 59km da capital.

Pelos comentários acima, fica evidente que a palatalização progressiva é encarada como bastante característica do interior do estado, pois o fenômeno linguístico foi explicitamente citado em (2) e associado a áreas interioranas em (3) e (4). Além disso, a palatalização nesse contexto parece ser vista como indiciadora de indivíduos menos escolarizados, como evidencia (1), em consonância com as demais análises aqui empreendidas. Esse resultado sugere que os significados sociais associados à variante não operam de forma independente entre categorias, mas se organizam em uma rede indexical que articula simultaneamente avaliações relativas à escolaridade, à origem geográfica e ao prestígio social dos falantes.

A palatalização progressiva também figura nos comentários dos participantes como a razão pela qual se optou por associar estímulos de produção palatal à área *Metropolitana II*, como mostram (5) e (6), que refletem os resultados da Tabela 4 e da Figura 7. Assim, entendemos que, embora as cidades que compõem o agrupamento geográfico *Metropolitana II* sejam oficialmente parte da Região Metropolitana de Natal, há uma distinção subjetiva linguisticamente marcada que as agrupa com áreas mais interioranas.

(5) *"Chiou nas palavras 'oito' e 'doido'."*
(6) *"A pessoa chiar na palavra 'muito'."*

Analisados os resultados referentes às categorias *Interior* e *Metropolitana* II, retomemos a Tabela 4 para discussão da categoria *Outra UF*. Os coeficientes da respectiva coluna demonstram que, quando a *realização de /t, d/* é palatal, há uma maior probabilidade de os participantes atribuírem a naturalidade do ledor a um estado diferente do RN ($\beta = 0.97$), inclusive quando a palatalização é fruto de assimilação progressiva – ['doj.dʒʊ] –, como demonstra a interação entre *realização de /t, d/* e *contexto de assimilação* ($\beta = 0.35$). Em comparação a outros estados do Brasil, então, a Região Metropolitana de Natal, especificamente as cidades de Natal, Parnamirim e São Gonçalo, que integram a área *Metropolitana I*, parecem ser enxergadas como conservadoras da produção alveolar das oclusivas.

Os resultados apresentados permitem o estabelecimento de um contínuo de indexação de fala alveolar-palatal, ilustrado na Figura 8, o qual foi elaborado pelo mesmo método anteriormente descrito para a Figura 7.

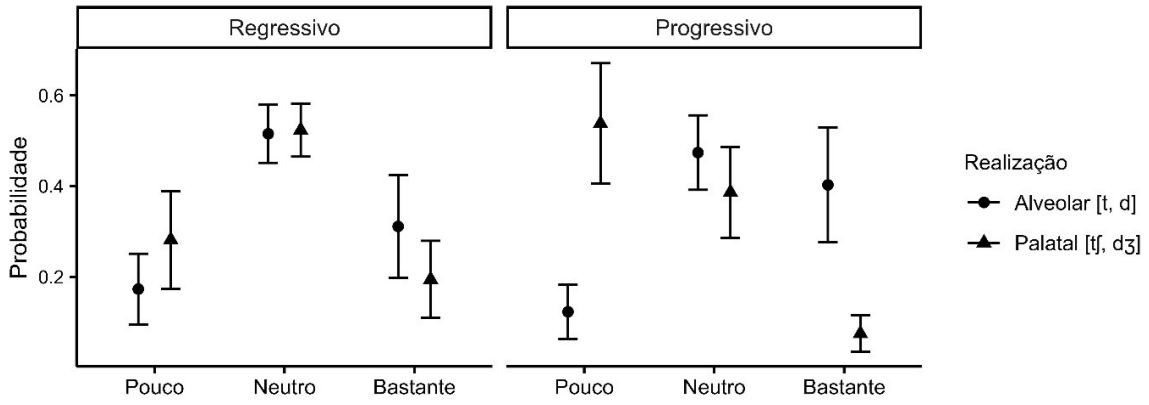

Figura 8 – Contínuo de indexação de fala alveolar-palatal.
Fonte: os autores.

O contínuo da Figura 8 indica que a área *Metropolitana I* do RN é avaliada como de produção alveolar de oclusivas, inclusive em contexto progressivo – ['doj.dʊ] –, enquanto outros estados são avaliados como de fala completamente palatalizante, nas duas direções assimilatórias. Há, portanto, uma tendência à não associação de produções como ['doj.dʒʊ] à área *Metropolitana I*. A palatalização progressiva não parece ser assumida como característica das cidades que constituem essa delimitação geográfica, movimento avaliativo possivelmente motivado pelo aparente desprestígio da variante já observado neste trabalho.

Também chama a atenção na Figura 8 o fato de a área *Metropolitana I* ser reconhecida como não palatalizante, mesmo em contexto regressivo – ambiente em que a produção africada é bastante difundida no PB. Entendemos, a partir disso, que os participantes podem ter certa ciência de que há restrições na frequência de aplicação da regra de palatalização que diferenciam a fala local da fala de outros estados, motivo pelo qual o RN é caracterizado, quando considerada apenas a oposição entre área *Metropolitana I* e *Outra UF*, pela produção alveolar de oclusivas em contextos como o de [ɦẽ.'mɛ.djʊ].

Não argumentamos que os membros da comunidade têm consciência dos fatores estruturais específicos que motivam a regra de palatalização na comunidade, afirmação que não poderia ser sustentada pelos resultados apresentados. Entretanto, sabendo que formas palatalizadas têm contexto mais restrito de ocorrência na fala do RN (Cristófaro-Silva *et al.*, 2012; Ananias; Cunha, 2022) do que em outras áreas do país, é de se esperar que os potiguares tenham mais contato, no dia a dia, com realizações alveolares do que palatais. Por outro lado, indivíduos de outras comunidades, principalmente do Sudeste, convivem com uma maioria de produções palatais em contexto regressivo, dada a amplitude da regra assimilatória nesses lugares.

A *frequência* de formas palatalizadas nos dialetos, portanto, parece ser um fator determinante da tendência avaliativa explicitada na Figura 8, pois, na comparação entre a área *Metropolitana I* do RN e outros estados do país, a palatalização é assumida como índice diferencial que caracteriza a fala de outras comunidades, ao passo em que, quando considerada apenas a oposição entre áreas geográficas do próprio RN, a aplicação desse processo fonético-fonológico diferencia subjetivamente as falas locais de acordo com a direção assimilatória.

7 ESCALA DE SIMILARIDADE

A escala de similaridade de fala constitui a última variável analisada para delimitação da indexação social da palatalização de /t, d/. Os dados referentes a essa variável provêm do seguinte questionamento lançado aos respondentes: *qual é o grau de semelhança entre a maneira como essa pessoa fala e o modo como você fala?* Os resultados do modelo de regressão são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Modelo para *semelhança de fala*

Preditores	Coeficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
Realização de /t, d/			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.62	-1.10 ~ -0.14	≤0.05
Contexto de assimilação			
Regressivo (ref.)			
Progressivo	0.40	-0.07 ~ 0.87	0.09
*Realização de /t, d/ * Contexto de assimilação*			
Alveolar * Regressivo (ref.)			
Palatal * Progressivo	-1.48	-2.17 ~ -0.79	≤0.05

Fonte: os autores.

Com relação ao fator *realização de /t, d/*, o resultado na Tabela 5 demonstra que, independentemente da direção da assimilação, a forma palatal é menos reconhecida pelos respondentes como representante de sua própria fala (β = -0.62), em comparação à alveolar. Há, assim, conformidade com o que foi antes identificado para a atividade de *atribuição de naturalidade*: os participantes demonstram que, no geral, é a produção alveolar que caracteriza sua identidade.

Já quando considerada a interação entre a variável anteriormente tratada e o *contexto/a direção de assimilação*, vemos que os participantes tendem a considerar a realização palatal em contexto progressivo – ['doj.dʒʊ] – menos semelhante à sua própria fala (β = -1.48) do que a alveolar em contexto regressivo – [ɦẽ.'mɛ.djʊ]. Mais uma vez, há consonância com as análises já empreendidas, demarcando a diferença avaliativa do processo de palatalização de acordo com a direção assimilatória, relação em que a direção progressiva, menos comum no PB, é alvo de avaliação mais negativa e, consequentemente, rejeitada pelos indivíduos como marca de sua própria fala, em oposição ao que registram os estudos de produção (Pereira, 2007; Cristófaro-Silva *et al.*, 2012; Ananias; Cunha, 2022).

Os resultados discutidos são ilustrados na Figura 9, que explicita certa identificação dos potiguares com a produção alveolar. Isso é evidenciado pelas mais altas probabilidades associadas a [t, d] no nível mais alto da escala, *bastante*, independentemente da direção assimilatória, mas mais significativamente em contexto de assimilação progressiva – ['doj.dʒʊ], no qual as formas [tʃ, dʒ] são intensamente rejeitadas.

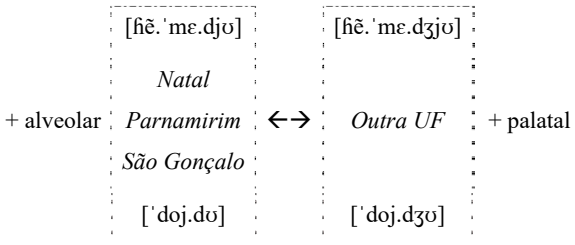

Figura 9 – *Realização de /t, d/* e *contexto de assimilação* sobre *similaridade de fala*
Fonte: os autores.

8 CONCLUSÃO

As análises desenvolvidas mostram que, em contexto de assimilação regressiva (*remédio*), as realizações de /t, d/ não parecem indexar valores sociais. Por outro lado, em contexto de assimilação progressiva (*doido*), formas palatais são rejeitadas pelo potiguar como marca de sua própria fala e indiciam, simultaneamente, indivíduos mais interioranos, menos escolarizados e que desempenham atividades profissionais menos prestigiadas socialmente. Tal valor negativo é intensificado entre os falantes mais velhos, embora tenhamos identificado que as produções [tʃ, dʒ] não parecem indiciar um grupo etário específico. Desse modo, as categorias analisadas não operam de forma independente na percepção dos participantes. Ao contrário, parecem constituir uma rede de significados sociais mutuamente reforçados.

Esses resultados corroboram as conclusões de Sales e Batista da Silveira (2022), que também identificam atitudes mais negativas associadas à palatalização progressiva e certa homogeneidade avaliativa entre as possibilidades de realização fonética de /t, d/ em contexto de assimilação regressiva. A análise aqui desenvolvida, no entanto, não fornece indícios de mudança de perspectiva avaliativa em contexto regressivo, como sugerem Sales e Batista da Silveira (2022), ao identificarem que, com o efeito das variáveis *idade* e *tempo de residência*, a realização alveolar – [ɦẽ.ˈmɛ.djʊ] – tende a perder potencial de avaliação positiva, ao passo em que a realização palatal – [ɦẽ.ˈmɛ.dʒjʊ] – tende a ganhar.

Nossos resultados também suportam a hipótese de que há uma tensão geográfica sociolinguisticamente marcada entre as cidades constituintes da Região Metropolitana de Natal. Essa tensão é revelada pela associação das cidades de Macaíba, Extremoz e São José (área metropolitana II) à produção de fala considerada mais interiorana (e mais desprestigiada) – [ˈdoj.dʒʊ] – somada à rejeição dessa mesma produção como uma característica das cidades de Natal, Parnamirim e São Gonçalo (área metropolitana I), embora todas sejam parte da Região Metropolitana. Essa oposição, contudo, é de caráter subjetivo. Estudos de produção linguística ainda devem ser encaminhados para esclarecimento do estado de difusão das variantes na área Metropolitana da capital.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Ambos os autores participaram integralmente das etapas desta pesquisa: a concepção, a coleta de dados, a análise e a discussão de resultados.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. G. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/. *In*: ABAURRE, M. B (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013. v. 7. p. 195-236.

ANANIAS, T. C.; CUNHA, C. M. A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 11-52, 2022.

BEZERRA, G. S. D. *Significado social da palatalização no RN:* atitudes linguísticas de falantes potiguares. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 39-64.

CHRISTENSEN, R. H. B. *Ordinal*: regression models for ordinal data. 2019. Pacote R versão 2019.12-10. Disponível em: https://CRAN.R-project.org/package=ordinal. Acesso em: 21 out. 2023.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012.

ELFF, M. *Mclogit*: Multinomial Logit Models, with or without Random Effects or Overdispersion. 2022. Pacote R versão 0.9.4.2. Disponível em: https://CRAN.R-project.org/package=mclogit. Acesso em: 21 out. 2023.

GARRETT, P. *Attitudes to language*. New York: Cambridge University Press, 2010.

LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of abnormal and social psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

PEREIRA, M. N. *Atlas geolinguístico do litoral potiguar*. 2007. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

R CORE TEAM. *R:* A language and environment for statistical computing. Versão 4.0.4. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2022. Disponível em: https://www.R-project.org/. Acesso em: 21 abr. 2022.

SALES, G.; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Percepção sociolinguística da palatalização de /t/ e /d/ próximos a ditongo no Rio Grande do Norte. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 106-125, 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.